

**MODOS DE ESCREVER, JEITOS DE SENTIR, MANEIRAS  
DE REFLETIR: A "ESCRITA DE HOSPÍCIO" REVELANDO SENSIBILIDADES**

Nádia Maria Weber Santos  
PPG-UFRGS  
Professora convidada FEEVALE / RS

Pensar o "fenômeno social" da loucura e de internações psiquiátricas no Brasil, a partir de textos literários brasileiros, da primeira metade do século XX no Brasil, foi o mote de minha pesquisa de doutorado <sup>1</sup>, a qual acarretou uma mudança de intenção, ou mesmo, desviou o olhar de historiador daquele foco até então preferencialmente pesquisado na história da psiquiatria e dos hospícios brasileiros. Alguns achados foram relevantes para uma nova interpretação: textos escritos por pacientes, dentro do hospício, no percurso de uma internação, mostraram uma outra sensibilidade, aquela que surge a partir de personagens que puderam perceber e discutir a "loucura" a partir de suas próprias experiências como "loucos", ou como escritores e autores sensíveis a este tema.

Assim, tendo como tema a loucura, como objeto textos literários e como problema a questão da sensibilidade, a realização deste trabalho teve o intuito de perceber a forma pela qual os *escritos de si* - ou escritos *auto-referenciais* - são reveladores de sensibilidades sobre a loucura. A partir do diálogo da História Cultural com a Literatura lançaram-se luzes nas fontes da ficção e deu-se a voz ao próprio louco. Ele contou sua história. Ele expressou sua sensibilidade sobre sua doença, sobre o meio que o abriga e sobre o mundo em que vive. Foram analisados três conjuntos de textos - romance, diário e cartas – que versam sobre loucura e internações em hospícios. Revisitando a história da psiquiatria brasileira nas primeiras três décadas do século XX e cruzando com a vida e obra dos três autores e de personagens da ficção, em que alguns escrevem seus textos durante hospitalização em manicômio, descortinam-se nuances na sensibilidade fina destes escritores. Alguns aspectos deste longo processo histórico de rupturas e permanências, que foi o complexo movimento de institucionalização da loucura no Brasil, puderam ser percebidos e avaliados sob um outro enfoque, desde dentro dos escritos de pessoas que, de alguma forma, se

viram envolvidas com esta temática. A literatura, neste sentido, aparece como uma fonte profícua para este fim.

Os autores pesquisados e suas obras são: Rocha Pombo, um historiador e escritor consagrado em seu tempo, que escreveu um romance simbolista ***No Hospício*** em **1905**, e nunca passou por um momento de exclusão social em sua vida; Lima Barreto, escritor "outsider", que foi submetido a internações em manicômios e escreveu seu ***Diário do Hospício*** em **1920**, durante sua última hospitalização no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro - memórias estas que originaram seu romance inacabado *Cemitério dos Vivos*, obra muito significativa do "pré- modernismo" brasileiro; e TR - este último, um paciente entre tantos outros, anônimo ao público leitor, "simplesmente um louco", que deixou um legado de doze extensas cartas, escritas durante a internação no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, em meados de **1937**, as quais denominou-se ***Cartas de Hospício***.<sup>2</sup>

O tempo e o espaço de escritos sobre a loucura, no Brasil do início do século XX, como romance, cartas e diários escritos dentro do próprio manicômio, são relevantes e jogam-nos para dentro de um labirinto de representações e sensibilidades, cujo fio de Ariadne pode ser encontrado dentro destes "escritos de si", nas próprias "falas" dos loucos... Relacionando-os ao contexto histórico de cada escritura, o "lugar" que cada um dos escritores ocupa no mundo, enfatizando, principalmente, o "lugar" de onde escrevem e de onde relatam suas "experiências de hospício" - são escritores, escritores "loucos" ou simplesmente "loucos" - podemos chegar, no fim do labirinto, com uma outra perspectiva e representação sobre a noção de "loucura" ou de doença mental, a qual não necessariamente deveria ser fator de exclusão social, muito menos de exclusão cultural de um indivíduo.

O período histórico escolhido, as três primeiras décadas do século XX, foi uma época em que a sociedade brasileira sofria profundas transformações políticas, econômicas, urbanas e por que não dizer, das suas sensibilidades sobre as questões sociais. Ao mesmo

tempo, a população mundial via crescer os regimes totalitários que se instalaram nas várias ditaduras, desembocando, no Brasil, no Estado Novo de Getúlio Vargas e, no mundo, na Segunda Guerra Mundial e no Holocausto. E os hospícios e as práticas com os doentes mentais, de certa forma, também foram envolvidos nestas transformações, por exemplo, quando os preceitos da eugenia adquirem força e ditam a esterilização destes últimos.

Porém nesta pesquisa, tentei uma análise mais sutil, poderia dizer. Optei por inverter a equação da maioria dos trabalhos de nossa historiografia sobre a psiquiatria no Brasil, ou seja, parti da narrativa do próprio "louco", que narra sua condição como personagem, personagem tanto de uma exclusão, como de um texto literário que conduz, em si mesmo, um imaginário e uma sensibilidade específica sobre a loucura.

A literatura examinada nesta pesquisa é fruto da escrita de homens que conseguiram captar sua época, seu momento histórico e, dentro dela, souberam posicionar-se em relação ao que viam - cada um de seu jeito, cada um de seu espaço. Assim, o ato da escrita foi transgressor e libertador para estas psiques inquietas e sofredoras.

Refletir historicamente sobre a loucura serviu, assim, a um duplo propósito: primeiro, diagnosticar e interpretar as ações humanas que excluem a possibilidade de uma renovação psicológica, exatamente por seus atos de exclusão do "louco" da sociedade, fazendo de muitos sujeitos, "sujeitos não históricos". Segundo, mostrar o quanto, pela "via" da sensibilidade e do ato criador, estes mesmos sujeitos excluídos podem ser encarados de forma diferente daquela que exclui, levando a outras possibilidades históricas, levando-nos a uma contemporaneidade que se pretende mais "humana".

Os textos literários traduzem e transmitem sensibilidades, expõem diferentes expressões sensíveis, através de distintos níveis de aproximação do real e do ficcional. Remetendo a distinções, nestas sensibilidades, bem como a suas semelhanças, corroboram ou não as práticas sociais de exclusão.

Rocha Pombo (1857-1933), paranaense, foi um historiador - filólogo e um escritor engajado na política de sua época. Publicou muitos ensaios e livros, durante sua vida, bem

como editou jornais e participou de revistas consagradas ao Simbolismo Brasileiro. Pertenceu à antiga Academia Paranaense de Letras. Embora a crítica daquela época tenha se interessado pouco por um de seus principais romances, *No Hospício*, quando de sua publicação em 1905, Pombo foi considerado, ainda vivo, um escritor importante das Letras Brasileiras. Resgata-se, com ele, imagens da loucura expressas pela escrita de um literato, que nunca passou por internações psiquiátricas ou práticas de exclusão social. Neste romance simbolista o autor utiliza a voz do louco para debater alguns preceitos desta corrente estética, como a espiritualidade e a questão do símbolo, mas dentro de todo um contexto manicomial que legitimou a pesquisa de sensibilidades sobre a loucura. Em poucas palavras, o enredo se passa através da internação voluntária de um homem, o anônimo narrador da história, que resolve travar relação de amizade com um louco internado que lhe chama atenção. Este, por sua vez, era um louco pacato que, isolado em sua "cela", lia e escrevia muito - escrevia uma grande quantidade de cadernos, registros estes de cunho pessoal e também místico-filosófico - o que causava grande curiosidade no narrador. Afinal, era isto loucura?

O segundo autor pesquisado, Lima Barreto (1881-1922), foi um escritor muito contestado em sua época e que passou por duas internações em hospício (Hospício Nacional do Rio de Janeiro) devido a seus "delírios" e alcoolismo - embora tenha sido reconhecido, posteriormente, como um dos grandes escritores brasileiros, deixando-nos um legado de vastas e importantes obras literárias. Pobre, descendente de escravos, mulato, alcoolista, louco e muito culto, mas marginalizado em vida por sua literatura - um autêntico outsider em sua "literatura militante" -, experimentou profundos sentimentos de rejeição social e familiar. A crítica literária quase nunca lhe foi favorável, em vida, e pouco teve retorno com o que publicou, até sua morte. A crítica mais comum era sobre a mistura que fazia em sua literatura das passagens de sua vida - era uma literatura "autobiográfica", diziam. Funcionário público e também escritor em jornais e revistas, não fez da política sua paixão, embora muito tenha criticado o Brasil de sua época, em suas crônicas, romances e

contos. Sua única paixão revelada era a literatura. Sendo assim, neste trabalho, tentou-se ver Lima Barreto por ele mesmo, a partir do diário escrito em sua última internação em manicômio e que deu origem ao romance que ele próprio chamava de sua obra prima, não fosse inacabado, pois Lima morreu antes de poder terminá-lo, o *Cemitério dos Vivos*. Sua contribuição para pensar a exclusão social do louco, em uma época em que a psiquiatria se esforçava para ser soberana nas condutas para com estes pacientes, ficou fixada nas páginas de seu diário e de seu romance.

O terceiro autor analisado nestas andanças pelas narrativas sobre a loucura, TR (1903 -?), foi um anônimo qualquer, desconhecido do público leitor, internado em manicômio pela família, porque, entre outras coisas, ele gostava muito de ler e escrever. Em sua única internação de que se tem notícia, no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, por quatro meses do ano de 1937, ele escrevia cartas. Estas cartas constituem depoimentos contundentes, dramáticos, de uma pessoa em sofrimento psicológico profundo, bem como da sua experiência transcorrida em internação psiquiátrica. Além disso, o grau de instrução e o nível cultural elevado do paciente em questão proporcionaram um outro olhar sobre este material: os textos das cartas podem ser considerados pequenas obras literárias, devido ao conteúdo que expõem, bem como à forma dada quando vieram à luz. Diante destas belas missivas depreendeu-se que ele queria ser escritor e – é válido ressaltar – tinha vocação para isto. O conjunto desta correspondência foi conservado em seu prontuário médico - arquivado com milhares de outros no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul -, para a felicidade de historiadores e pesquisadores, mas para a tristeza deste pobre moço, que talvez não soubesse que suas cartas não seriam entregues. Algumas missivas eram bastante simbólicas, outras bem realistas e outras até "filosoficamente visionárias". Nelas encontra-se uma obra desconhecida aos leitores e nosso meio acadêmico. Desde o relato de sua história pessoal, dos conteúdos de sua doença, passando por análises das situações econômica, política e religiosa mundiais daquele período histórico, indo até a exposição de

críticas sobre sua internação e sobre a própria Medicina, resgata-se, nos manuscritos de TR, uma fina sensibilidade do autor, não compreendida naquele momento de sua vida.

A literatura traz a subjetividade e a sensibilidade do passado, daquilo que um dia foi vivido, sentido e percebido de uma outra forma ou da forma como podia ser naquele momento. Ciente de que este novo olhar é apenas uma versão sobre o passado, como historiadora tentei apreender o registro das nuances das sensibilidades de uma época, seus valores, conceitos, noções sobre a vida dos homens e suas práticas sociais.

Neste percurso quase iniciático que é a construção – não linear – de um texto histórico, a partir de uma pesquisa de vários anos, envolvendo desde a escolha de um objeto, sua relação com as fontes, passando pelos interstícios teóricos que acompanham toda reflexão, e chegando até a narrativa interpretativa que se constrói, a descoberta de estudos sobre *escrita de si*<sup>3</sup> foram de grande relevância. De origem recente no Brasil, estes trabalhos proporcionaram uma virada na grade interpretativa dos conteúdos desta pesquisa. Não se tratando apenas de registros epistolares, mas também de diários, escritos dentro do próprio hospício, durante uma internação, as práticas de "produção de si" estudadas ressaltam a importância destes achados para a temática trabalhada. Da mesma forma, os escritos do personagem da ficção de Rocha Pombo - escritos de si, dentro de um romance - evidenciam similitudes com aquelas escritas "reais" dos autores "reais".

O exercício da reconstituição e interpretação das narrativas pessoais destes escritores, destes autores, destes "loucos", descortinou um mundo de sensibilidades e descobriu, entre a poeira dos arquivos e das prateleiras, um tesouro escondido. Como se fosse um mergulho, ler seus manuscritos e textos lançou luzes numa profundidade desconhecida e fez emergir a singularidade de vidas, tidas como loucas, nas cores das tintas e dos papéis plenos de escritos que fazem sentido... sentido para uma época... sentido para vidas humanas ...

A partir da análise histórica destes documentos únicos, resgatou-se a importância destes indivíduos, segregados e excluídos da sociedade, em um contexto mais amplo.

A ficção, e no caso presente ficção literária, através de sua linguagem simbólica, coloca em evidência o poder da representação na vida cotidiana humana. Ela comporta o “estatuto do real” intrínseco à capacidade de representação de todo ser humano, isto é, seu sistema simbólico. Todo o sistema simbólico de representações que ela traz em si, significa a projeção do que estava até então no inconsciente humano, seus sentimentos, sensações, pensamentos, maneiras de ser e ver o mundo, mais íntimos, próprios de cada um (subjeto) e/ou de cada época (objeto, ou o “espírito” da época). Através deste *sistema imaginário*, o estabelecimento da “verdade” unívoca desaparece por inteiro através da tarefa mais interessante e promissora que é o questionamento da “narrativa das sensibilidades”.

Se, por um lado, não se pode negar a existência dos processos sociais e culturais a que está submetida uma sociedade, numa certa época, e sua influência sobre as práticas nela exercida – sociedade, esta, que é ela mesma a idealizadora e realizadora destes processos -, por outro, também não se pode fechar os olhos a determinadas maneiras de ver e sentir o mundo, muitas vezes independentes das correntes sociais da superfície.

Em outras palavras, a escritura de cada autor revela um mundo de sensibilidades que, embora sendo específicas a cada um, também demonstram uma certa continuidade de percepções sobre a loucura e suas práticas. Se seus escritos pessoais em algum momento da história serviram para que o “saber” instituído da psiquiatria pudesse ler neles suas próprias patologias, estados mórbidos do ser - o que respaldou também muitas vezes as práticas de exclusão - serviram de outra forma para que suas sensibilidades fossem expostas, e no trabalho de pesquisa fossem recolhidos e tornados documentos e fontes históricas.

As “marcas de sensibilidade” - subjetivas e intrínsecas ao texto - e as “marcas de historicidade” - que remetem para fora do texto, para a realidade concreta - revelaram-se, nestes “escritos de hospício”. Observou-se permanências e rupturas, se assim quisermos chamar, entre as três obras analisadas, nos três tempos mencionados. Ao folhear o “livro da loucura” daqueles trinta anos de Brasil, vê-se que pouco ou quase nada mudou de concreto,

na prática sobre a doença mental. De trás para a frente, de frente para trás, ele mostra sensibilidades, gritos de socorro, reflexões agudas que não foram compreendidas por seus contemporâneos. E talvez até hoje não o sejam, se falarmos em práticas sociais e culturais coletivas. Por exemplo, todos três personagens foram colocados no hospício pela família, à revelia; dois deles, foram levados também pela polícia, o que corrobora, de certa forma, a realidade e a veracidade da historiografia “tradicional”. Todos gostavam muito de ler e escrever e isto, muitas vezes, em seu meio, era visto como sinal e sintoma de loucura.

Mas também cada um a seu modo tinha a sua noção do que seria a doença; a Medicina e a Psiquiatria foram examinadas pela lente minuciosa de suas sensibilidades, fazendo-os diagnosticar que o "douto" nem sempre tem a razão em seus diagnósticos e intervenções. Da tal forma que todos os três podem ser identificados como escritos de resistência e mesmo de transgressão, no sentido de tentarem ultrapassar não só os muros de um hospício, mas as barreiras que são colocadas pelos rótulos e diagnósticos sobre eles. Historicamente, não adiantou Pinel ter tirado as correntes dos loucos, pois outras vieram, como o manicômio, a camisa de força de pano, depois a camisa de força dos métodos - "eletrochoques", psicocirurgias, "choques químicos" - e medicamentos.

Mas talvez pior seja a corrente que nunca foi tirada, nem mesmo pelo "pai" da psiquiatria: o imaginário que sempre existiu na sociedade, na consciência coletiva, sobre os loucos. Mas eles, estes escritores, estes "loucos", conseguiram, cada um a seu modo, libertar-se destas amarras por eles próprios, pois escreveram e, ao escreverem, recriaram-se a si mesmos.

---

<sup>1</sup> Tese de doutorado defendida em maio de 2005, no PPG em História da UFRGS (IFCH), sob o título de "*Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/1920/1937)*".

<sup>2</sup> Pombo, Rocha. *No Hospício*. Rio de Janeiro: INL, 1970 ; Barreto, Lima. Diário do hospício. In: *Cemitério dos vivos - memórias*. São Paulo, Brasiliense, 1956, vol. 15 das obras completas; TR. Cartas de Hospício. In: Santos, Nádia Maria Weber. *A tênue fronteira entre saúde e doença mental: um estudo de casos psiquiátricos à luz da Nova História Cultural, de 1937 a 1950*. Anexo 2. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PPG de História UFRGS, 2000. Consta nas obras integrais da Biblioteca Digital do IFCH da UFRGS; publicada em "e-book" pela Jeweb editora digital em 2002.

<sup>3</sup> Para a compreensão do conceito e da noção de "escrita de si" ver Gomes, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: Gomes, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.